

## A educação da subjetividade em Kierkegaard e Paulo Freire

### The education of subjectivity in Kierkegaard and Paulo Freire

Cleiton Santos Nunes  
UESB  
ns\_zeus@hotmail.com

**Resumo:** Este ensaio pretende estabelecer um paralelo entre o filósofo dinamarquês Soren Aybe Kierkegaard e o educador brasileiro Paulo Freire, tomando como base a compreensão de educação da subjetividade nos referidos autores e suas implicações ético-pedagógicas na construção do caráter e da personalidade do indivíduo singular no interior das contradições existenciais, as quais o indivíduo enquanto pessoa humana precisa decidir em concretizar as possibilidades e tornar-se a si mesmo ou permanecer na inautenticidade, no anonimato e na impessoalidade. Ambos os autores, compreendem a educação como um fazer que deva ser capaz de promover a construção da autenticidade das pessoas a partir da transformação das condições da existência.

**Palavras chaves:** Inautenticidade. Educação. Singularidade.

**Abstract:** This essay seeks to establish a parallel between the Danish philosopher Soren Aybe Kierkegaard and the brazilian educator Paulo Freire, based on the understanding of education of the subjectivity in these authors and its ethical and pedagogical implications in the construction of the character and in the individual's personality within the existential contradictions, in which the individual as a human being must decide upon realizing the possibilities and become himself or remain in the inauthenticity, the anonymity and in the impersonality. Both authors understand the education as an action that is able to promote the construction of the authenticity of people from the transformation of the conditions of existence.

**Keywords:** inauthenticity. Education. Singularity.

### Introdução

A educação é a tarefa existencial por excelência. Os pensadores Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855) e Paulo Freire (1921-1997) concebem a educação como condição fundamental para promover a construção da singularidade e da humanização

da pessoa humana a partir da dinâmica subjetividade e ética. Ernani Maria Fiori no prefácio da obra **Pedagogia do Oprimido**, afirma que Freire “[...] é um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência” (FREIRE, 2005, p. 05), nesta mesma linha de pensamento o projeto de Kierkegaard está direcionado para uma existência autêntica, sobretudo a partir da diferenciação dos estádios da existência e dos pseudônimos existenciais. Esta é uma primeira aproximação entre os dois educadores que pretendo demonstrar no desenvolvimento deste trabalho, mesmo estando consciente que Paulo Freire tem muita proximidade com Kierkegaard através dos seus discípulos como Heidegger, Paul Ricoeur, Gabriel Marcel, Miguel de Unamuno de quem faz constantes referências em suas obras.

Educar o existente para existência em primeira pessoa enquanto ser que se estrutura eticamente em relação consigo mesmo, com o próximo e com a comunidade é o que difere a educação Kierkegaardiana e Freiriana da concepção dominante que está atrelada as estruturas sociais, ideológicas e econômicas que a utiliza para a manutenção da ordem estabelecida através do aparelhamento e da reprodução da ideologia dominante que ocorre principalmente nos conteúdos, nos currículos, nas práticas pedagógicas e no descompasso entre as campanhas publicitárias que apontam uma educação paradisíaca nas esferas federal, estadual e municipal e a realidade concreta e contraditória dos vários modelos de educação vigentes no Brasil.

É a partir do estudo da obra de Kierkegaard que vem a motivação para esta empreitada. O pensador dinamarquês oferece em **Duas Épocas (Duas Eras)** e nos números da revista **O Instante** uma crítica ácida ao modo como se vivia e como se aniquilava a própria existência em detrimento da passividade, do comodismo, de uma vida pequeno-burguesa e da alienação imposta pelo Estado. A tática de Kierkegaard consistia em retirar o indivíduo da massificação e educá-lo em meio às contradições existenciais e materiais, permitindo ao indivíduo a possibilidade de assumir a responsabilidade por sua condição e pela condição do outro, uma vez que tornar-se verdadeiramente humano não é possuir uma vasta gama de informações e

conhecimentos, mas tornar-se *ético*, o que implica um comprometimento radical consigo mesmo, com o outro em sua singularidade e com a cultura em que está inserido. Mas o que Kierkegaard compreende por educação? Qual a sua compreensão de ética? Como tornar-se ético?

O educador brasileiro Paulo Freire teve como meta em seus estudos e pesquisas denunciar a estrutura de uma sociedade desumanizante como é possível constatar nas obras **Pedagogia do Oprimido** e **Ação Cultural como Prática da Liberdade**. Como Kierkegaard, Freire também propunha uma tática para através da educação humanizar e possibilitar as condições para que o indivíduo pudesse optar pela liberdade e a partir da relação dele consigo próprio, com o meio e com o grupo no qual esta inserido. Por esta razão, desenvolveu uma concepção de educação enquanto ação subjetiva cujo principal componente era a responsabilidade relacionada indissociavelmente ao engajamento e por isso responsabilizou-se pela educação dos oprimidos como compromisso ético-histórico-social em prol da construção de uma sociedade menos desigual.

É preciso tomar cuidado ao discutir subjetividade nos referidos autores, pois ambos concebem subjetividade em perspectivas diferentes, mas com a mesma finalidade. Ela deve tornar-se ética para que o indivíduo no interior dela possa efetivar o seu potencial de *ser mais*, reduplicando-se dialeticamente entre o discurso que profere e a ação que executa, isto é, ninguém pode tornar-se revolucionário sentado à mesa de uma academia, mas estando em linha de frente com aqueles que participam do processo. Freire é influenciado pela concepção da dialética marxista e não separa subjetividade da objetividade, o que para Kierkegaard é um limite, pois na mediação hegeliana que Marx se apropria ainda está presente o elemento determinista da tríade tese, antítese e síntese que implica uma nova tese e não permite ao indivíduo interromper o processo até que se atinja o Espírito Absoluto. Contra essa concepção de dialética, Kierkegaard propõe, a dialética da descontinuidade que coloca a liberdade como condição de optar em um dos momentos da mediação ou dos estádios da

existência. Para o pensador dinamarquês a dialética é inconclusa porque se assim não fosse não haveria liberdade e a ação procederia por necessidade. Por isso, diferente de Freire, a subjetividade em Kierkegaard, é identificada como verdade, interioridade, decisão, ética, paixão infinita e amor. Refletir acerca da educação da subjetividade em Kierkegaard e Freire é pensar uma prática educativa que humanize as pessoas. Uma educação que seja edificante e concientizadora fornecendo ao Indivíduo a condição para a efetivação de sua singularidade enquanto subjetividade e conseqüentemente a construção do *ser mais* ou do *ser ético*.

### **A educação como tarefa existencial em Kierkegaard**

A educação enquanto afirmação e construção da subjetividade encontra-se em um âmbito privilegiado da filosofia kierkegaardiana. Para o pensador dinamarquês somente se concretiza autenticamente na existência quando há um empenho radical para exercitar a luta contra a ilusão de viver na penumbra de figuras alheias e na condição doentia de ser apenas uma cópia. Esta luta se concretiza em meio à busca e construção de uma interioridade efetiva apta a superar o anonimato imposto aos indivíduos no interior da sociedade do espetáculo. Esta deve ser a condição para a edificação da subjetividade e através dessa a construção da personalidade autêntica e única. A educação em Kierkegaard é muito mais que o ensino de um conjunto de teorias direcionadas por um currículo para formação de pessoas bem ajustadas ao modelo vigente de sociedade e muito menos a manutenção do mercado de trabalho com profissionais qualificados. A educação técnica e instrumental utilizada na maioria dos nossos institutos educacionais não tem condições de promover a construção do caráter, da dignidade e da ética, porque ela não proporciona as condições do Indivíduo voltar-se para a interioridade dando-lhe a possibilidade de transformar a sua condição de existir em existência real e singular.

Neste sentido para Kierkegaard a educação não esta baseada em um modelo hierárquico de construção de conhecimentos, pois o educador, ou mestre como prefere Kierkegaard, se apresenta como ocasião para o aprendiz. Assim, o mestre não pode conceder aprendizagem ao aprendiz, se assim fosse, “[...] então não está dando, mas tomando, então não é amigo do outro e muito mesmo seu mestre” (KIERKEGAARD, 2008, p. 29). Uma educação que valorize a singularidade do educando deve permitir a este a construção do seu saber de modo autêntico e singular, vale salientar que esta construção singular não é egoísta ela acontece de forma dialógica entre os indivíduos onde as impressões do outro acerca do mundo são um caminho e não a condição para a construção do conhecimento. Nesse sentido o depósito de conteúdos e fórmulas não pode ser entendido nesta perspectiva como aprendizagem nem tão pouco educação, esta tem como tarefa fundamental evidenciar a possibilidade deste aprendiz em reconhecer-se na não-verdade, construindo uma relação onde ambos, mestre e aprendiz, possam em primeira pessoa reconhecer a si mesmo. Assim, afirma Kierkegaard em **Migalhas Filosóficas**:

[...] o aprendiz, ao voltar-se desta maneira para dentro de si mesmo, não descobre que anteriormente conhecia a verdade, mas descobre a sua não-verdade, um ato de consciência com referência ao qual vale o principio socrático de que o mestre é apenas a ocasião, [...], pois minha própria não-verdade, não posso descobri-la senão por mim mesmo, pois só quando eu a descubro é que ela está descoberta, e não antes, ainda que todo mundo a conhecesse (KIERKEGAARD, 2008, p. 33).

Paulo Freire em uma perspectiva político-existencial explica em **Pedagogia do Oprimido**:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2005, p. 79).

Assim para estabelecer o diálogo entre os dois educadores, Kierkegaard pondera que:

Ser mestre não é cortar o direito a força de afirmações, nem dar lições para aprender, etc. Ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quanto tu, o mestre, aprendes com o teu discípulo, quando te colocas naquilo que ele compreendeu, na maneira como o compreendeu, ou, se ignoravas tudo isso, quantos simula prestares-te a exame, deixando o teu interlocutor convencer-se de que sabes a lição: tal é a introdução, e pode então abordar-se um outro assunto (KIERKEGAARD, 2005, p. 42).

E como conclusão a este debate, Paulo Freire sintetiza muito apropriadamente quando afirma: “[...] a humanização é uma “coisa” que possui como direito exclusivo como atributo herdado. A humanização é apenas sua” (FREIRE, 2005, p. 51).

A concepção de educação dentro de uma ótica subjetiva não consiste apenas em compreensão, mas sim na efetivação da autenticidade existencial de cada pessoa humana. Ela se apresenta como uma ação atribuída de um dever de transformação que se afirma como uma tarefa ética. É o ato de educar-se que singulariza o indivíduo. Na obra **Migalhas Filosóficas** o processo de educação se constrói na relação entre mestre e aprendiz. O mestre nada mais é que a ocasião para o aprendiz. “Aquele, porém, que dá ao aprendiz não só a verdade, mas também junto com ele a condição, não é um mestre” (KIERKEGAARD, 2008, p. 34). A crítica de Kierkegaard tem plena validade hoje quando nas instituições de produção de conhecimento (e não necessariamente de saber) muitas vezes o que prevalece não é a produção do conhecimento a partir das provocações pedagógicas e estratégicas do professor, mas a autoridade, o autor do livro, do discurso e do conteúdo da disciplina e da voz do professor.

### **A educação como possibilidade para a singularização do educando em Paulo Freire**

A possibilidade de singularização do educando - educador em Freire acontece justamente porque não somos seres determinados, dessa forma toda e qualquer situação não é destino dado, podendo ser modificada. Paulo Freire propôs uma utopia, mas em sua concepção utopia como sonho possível, para a modificação do *status quo* de opressão da sociedade em que vivemos. Nas palavras de Freire:

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1979, p. 16).

Em meio a uma estrutura social que se constitui como classista e exploratória, diariamente moldando o pensar dos indivíduos, fazendo-os objeto dócil de dominação e negando a sua condição de humano, a utopia é o combustível que move a esperança de libertação de uma opressão cruel e desumana imposta a uma determinada classe. Diante disso, a pergunta que deve ser feita, com base em sua *práxis* é então, como transformá-la? Para Paulo Freire, uma educação que tenha como viés a conscientização dos educandos-educadores, o engajamento político, a denúncia das estruturas desumanizantes por parte dos oprimidos e a valorização de uma ética universal do ser humano que em seu bojo está a serviço do *status quo* vigente, como bem denuncia Jean Pierre Changeux na obra **Uma ética para quantos?** são características indispensáveis para se ousar tal transformação.

É neste sentido que é possível construir singularidade entre os indivíduos que inconclusos, tornam-se capazes de saber-se assim, indo mais além da determinação imposta pela classe opressora libertando-se do condicionamento e arriscando-se enquanto indivíduos singulares e críticos. Nesse sentido a educação de que precisamos deve ser capaz de construir humanidade através da efetivação de um processo educacional libertador, crítico e subjetivo, permitindo o diálogo como forma de construção do conhecimento e valorização dos saberes individuais. Excluindo os

variados modelos de educação que entende o processo de ensino aprendizagem como depósito e acúmulo de conhecimentos e o aluno como recipiente vazio a espera de conteúdos, regras e fórmulas que o preencham.

A partir dessa necessidade de humanização, afirma Freire:

A “luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 2005, p. 32).

O indivíduo não é um ser determinado, mas um ser de liberdade, assim Freire em sua denúncia de uma estrutura social que desumaniza as pessoas, buscou anunciar a boniteza da vida e o inacabamento das pessoas excluindo os vários discursos deterministas apresentados pela classe dominante, onde a idéia central é que a sociedade não pode ser transformada. Dentro desta perspectiva uma característica fundamental dos indivíduos não seria a repetição como nos animais, mas o esforço em efetivar a liberdade. Considerando que o ser humano esta em constante movimento é fundamental um processo pedagógico-educativo que possa contribuir significativamente na construção e na concretização do caráter, da personalidade da pessoa humana enquanto ser histórico-cultural.

No interior da obra de Paulo Freire a denuncia das estruturas desumanizantes existentes em nossa sociedade é evidente. O educador brasileiro insiste em denunciá-las, por entender que os oprimidos ao despertarem de sua situação de opressão que lhes é apresentada não como condição dada e imóvel, mas como uma construção social perfeitamente superável, pois segundo ele é necessário que o oprimido libertando-se de sua situação de opressão liberte também o opressor, que não se percebe cativo da exploração promovida por ele e não tem nenhum interesse em perceber. Assim, afirma Freire:

Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão. Por isto é que, somente os oprimidos libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam (FREIRE, 1979, p. 46).

Ainda segundo Freire:

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2005, p. 33).

O educador que tenha como objetivo possibilitar que os indivíduos construam sua liberdade deve assumir a responsabilidade ético-política em sua *práxis* educativa, compreendendo a educação como possibilidade de transformação das pessoas bem como da própria sociedade, e como afirma o professor Jorge Almeida em apontamentos de sala “Não é possível transformar as estruturas sem primeiro transformar os existentes”. Ao observarmos ligeiramente as escolas brasileiras, é possível perceber um silêncio nos espaços onde deveriam acontecer calorosas discussões, no entanto falar, em um sistema que oprime é um ato de rebeldia, sujeito a punições. Estaria certo então o educador Moacir Gadotti, ao afirmar que “A educação para a fala, para a formação do orador (no sentido daquele que defende seus direitos), seria um suicídio para a sociedade opressiva.” (GADOTTI, FREIRE, GUIMARÃES, 1995, p. 90). O processo de humanização das pessoas através da estrutura educacional perpassa pela conscientização dos alunos, através da qual os envolvidos neste processo de alfabetização política como possibilidade de leitura de sua realidade tomam como base a sua experiência para o entendimento da sociedade e o domínio da palavra como instrumento de poder, nesta perspectiva afirma Freire,

“Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer que a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2005, p. 89). Mas, o que Paulo entendeu por palavra? Palavra é o ser humano transformando em diálogo, palavra é a comunhão com o outro como testemunho e doação e, conseqüentemente, como existência, porque existir “humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo” porque não é no silêncio que os homens se fazem, “mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2005, p. 90). No livro **Por uma Pedagogia da Pergunta** a síntese entre pergunta, conhecimento, aprendizado e existência é explícita, pois “a existência humana é, porque se fez perguntando, a raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar” (FREIRE, 1985, p. 27). É preciso insistir na pedagogia da pergunta, por que como forma de adestramento e reprodução a educação tende a ser em geral uma educação de respostas, em lugar de ser uma educação de perguntas. Ao ler a obra **Por uma Pedagogia da Pergunta**, pode se constatar a insistência de Freire em que uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas existenciais.

Esta idéia desenvolvida pela concepção Freiriana de alfabetização e leitura de mundo estabelecida em meio às habilidades de construção de perguntas, é apresentada de forma integral no livro **Pedagogia do Oprimido** que surge em contraposição ao método tradicional de ensino chamado por Freire de *Educação Bancária* que tem por finalidade o depósito de conhecimentos nos alunos, sendo esta baseada em uma estrutura hierárquica onde o professor ensina e os alunos devem aprender, uniformemente.

Assim segundo Freire:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 2005, p. 67).

Com base em Paulo Freire a educação aqui é entendida como meio a concretização do Eu e do Tu, dessa forma não se limitando ao depósito de informações ou de verdades, ela dever ser sim, a condição para que a superação da dialética do opressor e oprimido possa acontecer. Assim efetivando uma educação que possibilite a problematização da realidade das pessoas valorizando os conhecimentos prévios delas, o esforço de construção de um novo saber, e a aplicabilidade deste saber para a transformação de sua realidade de modo que esta venha a lhe atender melhor.

O exercício da liberdade é responsável pela criação e inovações da cultura. Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade. É através do desenvolvimento da consciência do indivíduo que este se torna capaz de assumir o risco de responsabilizar-se pela modificação do *status quo* de opressão da sociedade em que vive. O risco segundo Freire é um fator indispensável para a construção da cultura, por isso a necessidade de uma escola que ao invés, de negar o risco, incite aos indivíduos a assumi-lo. Não é possível pensar um processo educacional que não valorize o risco como possibilidade para o indivíduo responsabilizar-se por si e pelo outro como ser humano. Ao problematizarmos a questão educacional na sociedade em que vivemos, entendemos a necessidade de uma educação que deva constituir-se na possibilidade de libertação das consciências da alienação apresentada a elas e a construção da singularidade dos educandos. Uma educação que possibilite a denúncia das estruturas desumanizantes existentes em nosso tempo histórico e o anúncio do compromisso de construção de uma estrutura que humanize reconhecendo a subjetividade de cada pessoa. Uma educação que tenha como viés transformar a possibilidade de existir dos alunos em existência autêntica, assim uma educação libertadora não pode excluir a curiosidade nem o risco do educando como possibilidade de reação as situações que o negam enquanto subjetividade. Dessa forma tanto Kierkegaard quanto Freire propõe uma educação que promova a capacidade dos indivíduos de discordar do silêncio e da concepção fatalista que impede constantemente a sua singularidade de existir, arriscar e responsabilizar-se

pelas transformações necessárias. É por isso que em ambos os autores existe uma unidade entre o discurso, a práxis e a esperança, e é neste sentido que a educação deve permitir todo ensejo possível para a efetivação de um mundo menos feio, mais ético, justo, democrático e humano. Assim a verdadeira libertação esta na condição de humanização de uma sociedade. Isto não é uma aposta que se faz nas pessoas que vivem nesta sociedade, e muito menos um discurso vazio, nem é uma palavra a mais solta, dita sem importância. É *práxis*, que leva a ação e a reflexão dos indivíduos acerca da realidade para assim modificá-la e torná-la mais bonita.

### **Kierkegaard e Paulo Freire: uma relação ética para a humanização do indivíduo existencial**

A aproximação entre o filósofo da existência Soren Aabye Kierkegaard e o educador Paulo Freire se deu por ambos defenderem a edificação de uma educação da interioridade, enquanto subjetividade relacional, pois é muito difícil entender subjetividade sem a edificação existencial do indivíduo, o que ocorre mediante a educação do próprio existente no desafio de adentrar ao interior da sua própria subjetividade. Subjetividade que segundo Kierkegaard em **Post-scriptum conclusivo não científico** é *interioridade*. Esta educação deve então permitir a *educando-educador* e *educador-educando* constituísse enquanto pessoa singular capaz de engajar-se nas questões relativas à existência autêntica, consciente e crítica, sua e a do próximo, porque segundo o educador brasileiro, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2005, p. 58).

Esta libertação em comunhão é entendida aqui como a libertação através do diálogo apto a constituir indivíduos criticamente conscientizados capazes de assumir a responsabilidade para a efetivação de sua singularidade. A nossa compreensão ao produzir este texto é a de que não existe o si mesmo desvinculado da relação com o imediatamente tu e com a comunidade porque o indivíduo é como apresenta

Kierkegaard na obra **O Conceito de Angústia**: “[...] ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo e o indivíduo participa todo do gênero humano” (KIERKEGAARD, 2010, p. 30).

Pensar uma educação crítica e edificante é pensar uma educação para a efetivação da existência dos indivíduos envolvidos no processo, neste sentido tomamos como base a concepção Freiriana de existir. Para o educador brasileiro existir é mais do que estar no mundo, é participar dele, modificá-lo ou não segundo sua vontade e as condições exteriores que possibilitam ou dificultam. E é essa possibilidade de estar ativamente no mundo, responsabilizar-se por ele e decidir nele, que permite ao indivíduo mais do que viver neste mundo, mas existir com ele. Neste sentido criticar, decidir, dialogar são características do ser existente e conseqüentemente de uma educação crítica e conscientizadora. Tanto o existir quanto o educar são processos singulares do indivíduo, no entanto só é possível em uma relação dialógica com outros existentes. Assim tanto o Kierkegaard quanto o Freire propõem uma educação que considere as pessoas como seres do devir, incompletos em uma realidade da mesma forma incompleta. Esta consciência de incompletude possível nas pessoas gera o fenômeno educacional em nossas sociedades. Como afirma, Freire: “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte.” (FREIRE, 2001, p. 40), por isso os autores discutem a necessidade de se instituir uma educação transformadora capaz de conscientizar crítica-política e eticamente os educandos enquanto forma de construção de sua singularidade. Para isso aponta Freire, que a “[...] solução, pois, não está em “integrar-se, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si” (FREIRE, 2005, p. 70). A educação deve ser capaz de permitir ao aluno converter a possibilidade de existir em existência autêntica, sendo esta educação a verdadeira possibilidade de efetivação da singularidade dos indivíduos existenciais no interior de uma sociedade cada vez mais atomizada, onde as pedagogias em sua maioria têm como finalidade a domesticação das consciências. E

assim, o ensino nas escolas deve permitir as pessoas no meio em que vivem a possibilidade de rejeição a um mundo que nega constantemente aos indivíduos a possibilidade de existir, assim pondera Kierkegaard, o ato de existir enquanto ser da singularidade consiste em negar a condição de número, de rebanho ou de multidão preconizado pela sociedade.

A educação como libertação dos indivíduos e transformação das estruturas desumanizantes existentes em nossa sociedade só será possível, segundo Kierkegaard na medida em que permita primeiro transformar os existentes, e depois conclui Freire:

Na medida em que o homem, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura. A partir das relações que estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor. Por este fato cria cultura (FREIRE, 1979, p. 42).

Um saber que não transforma o indivíduo em individualidade capaz de promover a sua auto-libertação é para Kierkegaard uma falácia, assim o intelectual orgânico preconizado por Gramsci deve assumir a tarefa ética de libertar-se libertando o outro. No entanto, almejar a libertação das consciências ainda cativas deve conter em si um ato de reflexão, pois sem isso este processo de libertação acaba por “[...] transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio.” (FREIRE, 2005, p. 59). Massificando ainda mais as consciências destas pessoas.

Assevera Paulo Freire:

A liberdade [...] é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 2005, p. 38).

Dentro de uma visão inautêntica de si e do mundo as pessoas sofrem um intenso processo de coisificação impresso pelos opressores, onde a humanização pretendida é considerada pela classe dominante um tipo de subversão a ordem estabelecida, tanto quanto a própria liberdade desejada.

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “[...] “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões.” (FREIRE, 2005, p. 37-38). Assim quanto mais conscientizadas as pessoas se tornam, mais capacitados estão para serem anunciadores e denunciadores de uma sociedade que tende a desumanizá-los, tornando-se responsáveis pela construção de uma sociedade que humanize, efetivando a possibilidade kierkegaardiana de transformar as estruturas sociais a partir da própria transformação dos indivíduos em si mesmos.

Assumindo a concepção da pessoa humana como um ser de abertura e de múltiplas possibilidades concretas e contraditórias em suas trajetórias e sínteses entre acabamento e inacabamento, liberdade e opressão, Freire e Kierkegaard fizeram da ética o ponto crucial do diálogo entre a educação, a política, o trabalho, a cultura, o ser em relação, a decência os temas geradores de práxis transformadora e a própria efetivação do processo educativo. Através deles é possível constatar que o entendimento de educação da subjetividade deve ser uma ação libertadora e singular, capaz de promover a humanização dos indivíduos. Não é um discurso vazio. É práxis, que se efetiva na ação e reflexão dos indivíduos acerca do mundo e da sua possibilidade de transformação.

## Conclusão

Assim, educar visando à construção e efetivação da subjetividade em Freire e Kierkegaard é essencialmente um processo de humanização do indivíduo, onde a edificação deve acontecer no interior de cada existente em meio a sua relação com o mundo. Assim dentro desta concepção é impossível uma educação imparcial, o educador deve posicionar-se diante da difícil tarefa de ser ao mesmo tempo mestre e aprendiz. Para pensar uma educação que realmente tenha um compromisso efetivo com a subjetividade de cada existente, com a transformação ética da sociedade e a edificação das pessoas, é necessário pensar uma educação que tenha como objetivo maior a construção da autenticidade e conseqüentemente o desenvolvimento de uma consciência crítica, ética e política das pessoas, permitindo-lhes a compreensão da possibilidade que têm de modificar os rumos da sociedade e dessa forma criar cultura. Assim, é imprescindível uma *práxis* educacional que apresente aos educadores comprometidos com a liberdade das consciências, não uma estrutura fundamentada em uma compreensão das pessoas como seres vazios a que o mundo deva preencher de saberes e conteúdos. A prioridade não deve ser a técnica e a mecanização ou instrumentalização das informações transformadas em conhecimento, a prioridade deve ser primeiro a construção do caráter, isso significa, que não há exclusão, mas apenas a crítica que a educação brasileira fez opção apenas pela técnica, deixando o caráter e a formação da personalidade apenas como itens curriculares e que não é colocado em prática na maioria das escolas no Brasil.

## Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. *Política e Educacional*. São Paulo: 5ª ed. Cortez Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: 3ª ed. Paz e Terra Editora, 1985.

\_\_\_\_\_ *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: 45ª ed. Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_ *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GADOTTI, Moacir. FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sergio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo 4ª ed. Cortez, 1995.

KIERKEGAARD, Soren. *Migalhas Filosóficas*. Rio de Janeiro: 2ª ed. Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_ *As Obras do Amor*. Rio de Janeiro: 2ª ed. Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_ *O Conceito de Angústia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.